

Uma lição da interpretação freudiana para a análise dos objetos da comunicação: o espetáculo como um sonho

A Freudian interpretation lesson for the analysis of communication research objects: The spectacle as a dream

Frederico Feitoza¹

RESUMO

No campo da pesquisa em torno do espetáculo midiático, entre suas ficções e estéticas, como se posicionar diante das fantasias e fantasmas de seus conteúdos manifestos? A depender dos objetivos do pesquisador, a técnica interpretativa freudiana, conforme primeiramente esquematizada em 'A interpretação dos sonhos' (1900), parece fornecer uma contribuição para o seu delicado ofício. Ela sugere que é exatamente no ponto em que somos afetados pelo objeto – quando este se transforma em um ser de sentido – que temos a oportunidade de “empurrar o eu para segundo plano”, como dirá Freud, em direção à escrita do saber. É o que buscaremos evidenciar com o texto a seguir, tomando como ilustração o caso das imagens retocadas digitalmente com as quais nos deparamos constantemente na paisagem midiática.

Palavras-chave: interpretação freudiana, pesquisa em comunicação e espetáculo.

ABSTRACT

In the Research Field about the Media Spectacle, among its fictions and aesthetics, how should one deal with the fantasies and phantoms of its manifest contents? Depending on the researcher aims, the Freudian interpretation technique of free association, as firstly schematized in 'The Interpretation of Dreams' (1900), seems to offer a contribution to this delicate métier. It suggests that is at the very point wherein we are affected by an object that we have the opportunity to “push the self to the background”, as Freud says, towards the writing of knowledge. This is what we will seek to evidence in the following paper, using, as an illustration, the case of the digitally retouched images often found in the media landscape.

Keywords: Freudian interpretation, communication research and media interpretation.

¹ Professor de Estética Aplicada na Universidade Católica de Brasília. Campus Avançado Asa Norte, SGAN 916, Módulo B. Av. W5, 70790-160, Brasília, DF, Brasil. E-mail: fredfeitoza@outlook.com

Introdução

A psicanálise não é apenas uma técnica interpretativa aplicável. Da mesma forma que acontece ao sujeito, há uma demanda específica dos objetos da cultura por esse saber, que é quando ela se mostra pertinente ou não. E não se trata da possibilidade de execução de uma clínica cultural, inspirada pelas estruturas de personalidade classicamente catalogadas (neurose, psicose, perversão), mas de trazer à tona o próprio inconsciente como uma categoria capaz de instaurar laços sociais e tracejar modos de ser em um determinado nível.

Quando se diz que um objeto inspira psicanálise, portanto, seja a que campo pertença (arte, cultura, política, etc.) é porque há uma potencial dimensão inconsciente capaz de mobilizá-lo. Dimensão que, caso investigada, além de ajudar a esclarecer sobre as possíveis formas do mal estar (o pensamento enquanto doença), reafirma-se como um *locus* de investigação ampliador das perspectivas epistemológicas sobre fantasmas e fantasias² que participam efetivamente do nosso cotidiano. É o caso da técnica interpretativa freudiana, que permite enxergar naquilo que parece carecer de dignidade científica, tal qual acontece ao *nonsense* do sonho, uma verdade peculiar e cheia de sentido.

Essa dimensão recalcada, a qual caracteriza mormente o inconsciente freudiano, é sempre passível de retornar nos variados discursos a partir de detalhes banais, repetições insistentes e entrelinhas que parecem não dizer nada. Por isso, é preciso compreender que a psicanálise, e especialmente a unicidade da interpretação freudiana, pode se revisada para além dos dogmatismos de suas instituições e de todo o tipo de transferência a que todos os que se interessam pelo campo estão sujeitos³. Só assim ela poderá ser apreendida como uma ferramenta metodológica cooperativa para o entendimento dos diversos fenômenos e produtos comunicacionais.

O campo dos objetos de pesquisa em comunicação é prolífico nesse sentido. Especialmente no caso em que as estéticas e discursos midiáticos se organizam por meio da lógica em que tudo é ‘dado a ver’⁴, como *show* e fantasia, tanto para o gozo quanto angústia do espectador. De forma semelhante à maneira com que Guy Debord descreveu o modo de funcionamento da sociedade espetacular, as fantasias e fantasmas que ilustram nossos sonhos comunicam-se com o ‘eu’ por meio da interposição de imagens. Esse é um tipo de construção imagética midiática (como vemos nas narrativas ficcionais filmicas, nos jogos eletrônicos, nas novelas de TV e mesmo no universo lúdico da publicidade) com potencial para agenciar o saber da interpretação dos sonhos no campo da comunicação. Como acontece na nossa relação com a realidade onírica, não é por fazerem parte de uma realidade ficcional que tais conteúdos deixarão de afetar nossos corpos e mentes. São, portanto, fenômenos de ordem inconsciente – afetivos, pulsionais, corporais – que põem em evidência a pertinência da psicanálise para um setor midiático que privilegia a imagem como forma de comunicação: o universo da estética espetacular.

É sobre este setor (o da mídia espetacular), dentre os vários oferecidos pelo universo da comunicação, que vamos focar este estudo, já que, entre o sonho como uma experiência real que se apresenta em forma de ficção e o espetáculo do qual somos participantes e espectadores como uma “pseudo-história construída em todos os níveis do consumo da vida” (Debord, 1997, p. 130) estarmos tratando de um mundo imagético que apela, de forma direta, estridente e absurda, ao sujeito (sonhador/espectador-consumidor).

Não pretendo expor, por enquanto, por questões principalmente econômicas, quais as interfaces entre os diversos estudos sobre o espetáculo e a psicanálise, porque os diálogos parecem tão diversificados quanto suas aparentes discrepâncias, mas tão somente tentar focar em

² Gostaria de atribuir aos dois termos um sentido mais laciano que freudiano. Nesse caso, fantasias e fantasmas constituem-se como matrizes de atuação e composição efetivas do imaginário, enquanto registro psíquico, para o universo sociossimbólico do sujeito. O imaginário se constitui no momento especular ou de especulação entre o sujeito e o que ele acredita ser o seu eu; momento em que ele experimenta um contato altamente fantasioso e fantasmático com a realidade, a qual é, em contrapartida e sempre-já, também simbólica.

³ Sobre o amor transferencial que age como um ponto de partida inevitável para a técnica psicanalítica, e que deve ser sempre superado como parte de um processo metodológico mais amplo, não devemos confundir-lo com o amor transferencial voltado para as suas instituições e autores, especialmente Freud e Lacan (os quais relutaram politicamente para mantê-lo). Do ponto de vista da produção de conhecimento, esse amor à autoria (e autoridade) não faz sentido, porque, como afirma Beividas (2009, p. 131), gera uma submissão do tipo: “a coisa toda é isso porque assim disse Freud, ou é aquilo porque assim o corrigiu o *dixit* de Lacan”. É, portanto, deixar de explorar uma potência científica original que habita o espectro psicanalítico para sucumbir meramente à sua discursividade.

⁴ A respeito das considerações psicanalíticas sobre a sociedade do espetáculo, em especial com relação à questão do olhar e do desejo de ver e ser visto, ver Quinet (2004, p. 280-289).

uma categoria preciosa à práxis analítica: especificamente o conceito de interpretação freudiana e o que ele teria a oferecer enquanto metodologia relativa à pesquisa em comunicação. Não sendo todo objeto comunicacional e nem todo objetivo diante dele pertinente para o pensamento sobre o inconsciente, mas um ou outro em sua condição expressiva específica: o detalhe anódino ou banal e, no entanto signifiante, de um texto; a repetição incessante de um tema nas capas de revistas; o potencial fetichista (ou fascinante) das imagens retocadas digitalmente; o voyeurismo agenciado pelos *reality shows*, a cultura das celebridades como uma cultura do narcisismo ou a evocação fantasmática do som no cinema... Sempre algo que finalmente dê alguma pista sobre os modos com que o desejo incide na cultura ou sobre as manifestações do inconsciente nos discursos.

Assim, de antemão, importa ressaltar que, primeiramente, não se trata de defender uma causa freudiana; se os seus axiomas são válidos ou não para as formas de vida e objetos contemporâneos, mas que o interesse de articular Freud (ou, mais amplamente, a psicanálise) à comunicação parte de um pesquisador desta área, e por enquanto, não de um psicanalista. Basicamente, o que tentarei expor remonta à 'A interpretação dos sonhos', texto de 1900, que coloca a psicanálise em evidência na sociedade vienense ao mesmo tempo em que conflagra, de uma vez por todas, a fratura psíquica do sujeito moderno. Nesse caso, o meu interesse recairá sobre a singularidade das contribuições daquilo que Freud fazia entender por interpretação na sua relação com a linguagem e pensamento dos sonhos.

A interpretação

No capítulo "O método de interpretação dos sonhos: análise de um sonho modelo", de seu famoso texto, Freud condensa numa sentença a metodologia delicada a partir da qual o psicanalista deve se posicionar diante do conteúdo manifesto de um sonho (ou seja, àquela imagem onírica que acessa à consciência e sobre a qual o sujeito consegue tecer uma descrição): "Interpretar um sonho

significa atribuir a ele um sentido – isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante" (Freud, 1972, p. 103).

Com esse dito, ele coloca a si mesmo e à técnica interpretativa em uma posição mais abrangente em relação às outras formas de interpretação do sonho. Não haveria, no caso da sua proposta, uma simbólica universal ou uma escritura cifrada para qual cada signo remeteria a um sentido denotativo fixo, mas uma polissemia e uma fratura na capacidade representativa do sujeito articulada sempre ao seu contexto existencial. As associações entre a linguagem figurativa presente no sempre enigmático trabalho dos sonhos com o campo do compartilhamento simbólico do sonhador e do próprio analista apontariam finalmente para a postura desejante emergente em questão.

Nessa acepção, as formações culturais e míticas, as lendas e os folclores deteriam em cada sujeito uma expressão desejante particular, como se decodificadas já no próprio pensamento do sonho. Os sentidos estabelecidos nessas micronarrativas estariam sempre vinculados, entretanto, ao erótico: campo privilegiado pela práxis analítica em torno do qual constitui-se a fratura subjetiva no modelo moderno de sujeito. A saber, aquele sujeito que prosperou até meados do século XX, e que é representativo de uma civilização organizada em torno de discursos e práticas repressivas.

A percepção erótica embutida na interpretação freudiana, e primeiramente inspirada pelo mal-estar da histeria feminina na clínica oitocentista, ao mesmo tempo em que se torna o grande desafio para a atualização do pensamento psicanalítico hoje⁵, traz à tona a singularidade de um método. A interpretação e a análise dependerão fundamentalmente da competência do interpretador dentro de um contexto desejante para atribuir sentidos eróticos (ou seja: dotados de uma potência de vida ou até de morte) às cadeias de atos mentais que ligam as unidades materiais dos sonhos: o desejo que está por trás do deslocamento entre latente e manifesto; aquilo que impregna o banal e *nonsense* de significação; a noção de que o aberrante possui as suas próprias leis.

Diante da imensidão de associações livres a que o interpretador do desejo se expõe – e isso é válido tanto para

⁵ A produção de saberes sobre o desejo e a diferença sexual que a psicanálise desenvolveu como resposta às repressões e o excesso de 'falação' sobre sexo ao longo da modernidade se vê agora diante do desafio de fazer resistir o erótico diante do sexo enquanto prática instrumental e vazia de significação. No momento em que o erótico cede espaço à pornografia, como seria possível manter a curiosidade numa posição privilegiada em relação à indiferença sexual? Maria Rita Kehl (2002, p. 191) escreve: "O que cabe à psicanálise não é defender a tradição das diferenças sexuais oitocentistas, e sim, escutar o que se está produzindo, ainda de forma latente, na tentativa de criar uma nova arte erótica".

a clínica quanto para a cultura, a interpretação freudiana funcionará de modo flutuante, de forma que a atenção (ou escuta) se deixe capturar pelo impacto significativo de um ato, uma palavra ou uma imagem. Sua investigação terá início com base na interrogação sobre a razão dele ter sido ali afetado; se aquilo não passa de reverberação de amor transferencial (a fantasia que ele não superou junto ao seu objeto que é a via de acesso ao inconsciente) ou se sua interrogação tem algum sentido do ponto de vista do seu desejo de saber. Este seria primariamente entendido como uma reverberação da curiosidade infantil, que, para Freud, é uma teoria e uma pesquisa empreendida pela criança em torno do sexual e suas interrogações. O sentido da curiosidade envolve uma série de fantasias que determinaria mais ou menos qual postura erótica em relação ao ‘saber’ e ao ‘não saber’ o sujeito tomará para si ao longo de sua vida.

Desviar-se do saber na interpretação, por sua vez, é um risco iminente, mas as razões que podem induzir a este desvio (o trabalho da censura, por exemplo) devem ser levadas em conta, como parte da empreitada epistemológica da técnica freudiana. O ‘eu’ do analista deve ser constantemente empurrado para segundo plano, como afirmará o próprio Freud. A instrumentalização desse movimento regressivo realizado na contramão do eu permitirá ao analista diferenciar o que, no ato de sua investigação, é amor ao objeto do que é desejo de saber. O próprio objeto lhe dará pistas em contrapartida, no momento em que for relacionado a outros: nas cadeias de atos mentais, na fugacidade das associações livres, na própria construção delirante que faz continuar o trabalho interpretativo. Grosso modo, um método sucessivamente levado pela suspeita e pela desconfiança (de si).

A busca de levar esse algo mais forte do que ‘eu’ para o registro gerador de sentidos dos conflitos desejantes (como Freud se viu interpelado a fazer junto às suas sedutoras pacientes, ainda no século XIX) e, mais amplamente, da economia libidinal (as formas como o desejo e os modos de satisfação se organizam entre libido e cultura) é o que se observa como germen de uma metodologia singular desde a ‘A Interpretação dos sonhos’. Evitar a tranquilidade das significações imediatas e ordenar-lhes uma direção (sempre suspeita) é a forma que o psicanalista

vai encontrar para circular em torno do ‘umbigo do sonho’ (Freud, 1987a, p. 482), esse núcleo traumático⁶, opaco e insondável que é constituinte de sua linguagem desejante.

Dito assim, podemos elencar quatro frentes a partir das quais se organiza a interpretação freudiana: (i) as relações entre o sentido e o erótico; (ii) a noção de que há algo que não pode ser dito de forma direta; (iii) a lida delicada com a questão da fantasia que trabalha tanto como via de acesso ao inconsciente quanto como manipuladora das diretrizes da interpretação, e, finalmente (iv), a dinâmica conflitual surgida das intuições transferenciais, aquelas que remontam a e resgatam um amor ou ódio inconsciente.

A interpretação midiática e o caso das imagens retocadas digitalmente

A interpretação freudiana nos é oferecida como um tipo de quebra-cabeças, ou melhor, como uma construção cheia de lacunas e silêncios, em que se completam com desejo e imaginação os sentidos, constantemente postos sob suspeita. A sua escuta pode ser entendida como um ato de dar ‘ouvidos à imaginação’; de nomear o que não existe; de criar diante do inimaginável, e finalmente, de escrever uma outra ficção, que dê conta do conjunto de imagens e pictografias da fantasia em questão.

O enunciado, enquanto produto da dimensão problemática do desejo, é, portanto, o objeto que interessa àquele preocupado em investigar as manifestações inconscientes na cultura. E como o sonho é paradigmático desse tipo de enunciado, em que nada é dito de forma direta e onde a verdade se estrutura como ficção, a forma de se capturá-lo, como primeiramente nos ensinou a interpretação freudiana, deixa uma lição para o exercício de interpretação de conteúdos específicos da mídia, dotados de um teor ficcional, enigmático e estético também pungentes.

Do mesmo modo que as formações desejantes se organizam no pensamento do sonho para manter o sono o mais intacto possível, acreditamos que o enunciado

⁶ As elaborações sobre este tema são complexas, mas a fim de pôr em poucas palavras a que o traumático remeteria, podemos pensá-lo como a dimensão do que está ‘além do princípio do prazer’, para evocarmos o título do texto freudiano de 1922, em que ele aborda a pulsão de morte. Nos sonhos, por exemplo, a angústia que não conseguimos desenvolver ou elaborar é o indício da constante proximidade do pensamento onírico com esse núcleo traumático, lá onde “o objetivo de toda a vida é a morte” e onde “o inanimado existia antes que o vivente” (Freud, 2010, p. 204). Em suma, um excesso obscuro caótico e não simbolizável.

mediático, mesmo que não se possa compará-lo *strictu sensu* com o conteúdo onírico manifesto, mantém, não raras vezes, um funcionamento análogo. Os discursos e as estéticas que participam da textura mediada do nosso cotidiano, enquanto podem distanciar da verdade do desejo, fornecem também lampejos de estranhamento: o momento em que nos deparamos com a fragilidade ou com o excesso aberrante da ficção; a percepção momentânea e indesejada de estarmos tão afincadamente ancorados em meras fantasias; o segundo em que nos questionamos sobre por que fazemos de conta que elas são creditáveis. Como diria François Laplantine (2007, p. 103), em poucas palavras, em seu *Leçons de Cinema pour notre époque*: “crer que a imagem é realidade enquanto é apenas a imagem da realidade toca no que há de mais profundo nos seres humanos: o desejo de acreditar”.

Como ocorre no trabalho dos sonhos, a realidade fictícia dos espetáculos midiáticos também nos impacta por meio de uma constante tensão desejante em torno do ‘saber’ com o ‘não saber’. Constatação baseada na leitura de um autor que vem pairando com frequência no campo da pesquisa em comunicação, principalmente para aquela de envergadura crítica: Slavoj Žižek. Para ele, a questão do saber e do não saber diante do enunciado dado estaria articulada à manutenção da sanidade do sujeito; ou seja, tal qual no sonho, a fantasia que atravessa todo o campo expressivo da cultura (e nisto se incluem a mídia e seus conteúdos) seria, ao mesmo tempo, mantenedora e encobridora do desejo. Mantenedora de sua função vital (erótica) e encobridora de sua dimensão traumática.

Em seu livro *Zizek and the Media*, o comentarador Paul A. Taylor, da Universidade de Leeds, tenta aproximar o pensamento do filósofo esloveno com o pensamento midiático, e acaba elencando uma série de premissas que nos permitem entender a potência onírica dos meios de comunicação em sua versão espetacular. De acordo com o autor, a paisagem midiática (*mediascape*) espelha as confusas operações desejantes do sujeito. Em seus vários formatos e conteúdos, ela pode negar, desaproveitar ou ignorar a realidade de forma súbita, ao mesmo tempo em que é capaz de encarnar (*embody*) camadas e camadas de crenças: “em outro sentido, nós agimos como se os espetáculos midiáticos fossem reais e nós fingíssemos que fingimos acreditar que eles são meras representações. A despeito do que dissermos, nós os tratamos como se fossem reais” (Taylor, 2010 p. 15, tradução nossa).

Exatamente como Freud (1987b) aponta em seu texto de 1900, ao dizer que não se julga os afetos nos sonhos da mesma forma que o restante de seu conteúdo, a mídia nos oferece uma série de enunciados que nos afetam diretamente, embora saibamos, conscientemente, que eles podem não passar de ‘mera’ ficção.

Além do mais, o mal estar ou o amor que tais conteúdos podem agenciar, ilusórios, delirantes ou completamente absurdos como no pensamento onírico, apontam para algo que provavelmente, no nível consciente, todos já sabem, mas que, exatamente como nos sonhos, tende-se a evitar. É o caso, por exemplo, da violência explícita ou do erotismo radiante presente em filmes, seriados de TV ou peças publicitárias... Para Žižek (2009, p. 8), “é exatamente o fascínio com o obsceno que nos é dado a observar que nos previne de saber o que é aquilo que nós vemos”.

Então vem a questão: os sonhos não operariam nesse mesmo nível quando, através dos trabalhos de deslocamento e condensação⁷, selecionam fragmentos ‘obscenos’ para o seu conteúdo manifesto? Eles intrigam o sujeito e ameaçam o seu sono constantemente para tornar ainda mais opaca e enigmática a questão sobre o seu desejo. Como afirma Taylor (2010, p. 78), “nós nos engajamos com meios como o cinema e o ciberespaço não para *escapar de*, mas, afirmo de *escapar para* uma realidade social que nos proteja mais eficientemente das questões verdadeiramente traumáticas que desafiam nossas vidas ‘normais’” (tradução nossa).

Segundo Taylor ainda, a precisão da interpretação freudiana – especialmente a partir da releitura zizekiana – reside no reconhecimento da natureza entrelaçada entre verdade e dissimulação presente tanto no universo midiático quanto na realidade inconsciente. Reconhecimento que se atualiza na fórmula ‘disfarce através da revelação’ tão comum ao pensamento onírico. Daí a pertinência da associação livre freudiana para o trabalho interpretativo midiático:

A regra fundamental de Freud para o processo psicanalítico adere a uma absoluta candura apoiada pela ‘atitude analítica’ baseada numa abertura para se considerar as associações mais curiosas (mas não menos verdadeiras) entre fenômenos que, de outra forma, não teriam relação nenhuma. Esta combinação de candura e abertura é do que se precisa para se perceber que a dissimulação não somente obscurece a verdade. Ela a contém. Verdade, inverdade, revelação e dissimulação, cada um implica o outro (Taylor, 2010, p. 49, tradução nossa).

⁷ Respectivamente correspondente ao que a metáfora e a metonímia operam no campo da linguagem.

A técnica interpretativa freudiana interessa ao objeto ficcional ou estético dos meios de comunicação não apenas porque segue candidamente os significados da fantasia, mas porque se configura como um apropriado exercício de errância. Apropriado porque aqui a evidência empírica convencional não ocupa um lugar mais importante que o mistério: o faz de contas; o jogo de sentidos, em suma, tudo aquilo de que se alimenta a ficção simbólica da qual participa tão eficientemente o espetáculo midiático. Neste caso, a única verdade, como escreve Žižek (2009, p. 2) será ‘o edifício inconsistente da interconexão lógica de todas as ilusões possíveis’.

Na pesquisa acerca das manifestações inconscientes do discurso, não importa, ao se interpretar o *simulacrum* do filme, da novela, da publicidade, ou o que seja, estabelecer uma distinção do tipo real/fake, mas dar ouvidos às suas cadeias de ilusões. Flutuar, no sentido freudiano, entre elas. Trabalhar com a ideia de que, se há uma realidade inconsciente em algum grau determinante, ela será mais acessível por meio de engajamentos eróticos junto aos elementos que afetam. Em resumo, ‘pegar carona’ nos diversos modos que a mídia oferece para satisfazermos nossos desejos:

Na nossa ‘sociedade do espetáculo’, na qual o que nós experimentamos como realidade cotidiana toma cada vez mais a forma de uma mentira que parece real, o insight de Freud mostra o seu valor. Consideremos os jogos interativos de computador que alguns de nós jogam compulsivamente, jogos que permitem à fraqueza neurótica adotar a persona virtual do macho agressor, capaz de nocautear outros homens e abusar violentamente das mulheres. É muito fácil assumir que essa fraqueza se refugia no ciberespaço, de forma a escapar de uma realidade fastidiosa e impotente. Talvez os jogos sejam o exemplo mais eficaz. E se, jogando-os, eu consiga articular o núcleo perverso da minha personalidade, o qual, por questões de coação ético-social, eu não seja capaz de atuar na vida real? Nesse caso, a minha persona virtual não seria de certa forma ‘mais real’ que a realidade? Não é precisamente porque eu estou avisado de que isso não ‘passa de um jogo’ que posso realizar nele o que jamais me seria permitido no mundo real? É exatamente neste sentido, como Lacan pontua, que a Verdade tem a estrutura de uma ficção: o que aparece sob o disfarce do sonho, mesmo quando se sonha acordado, às vezes é a verdade na qual a repressão da realidade social é fundada. Aí reside a lição definitiva de A interpretação dos

sonhos’: a realidade é para aqueles que não podem sustentar o sonho (Žižek, 2006, tradução nossa).

Instrumentalizar os sentimentos que engajamos junto ao espetáculo midiático confirma a lição presente na técnica interpretativa freudiana para o campo da epistemologia da comunicação, especialmente no caso das imagens espetaculares, feitas para o consumo e entretenimento e que apelam mais abertamente aos afetos do espectador. É este ato de ‘apropriação’ da fantasia que tornará possível inferir sobre que desejos tais conteúdos organizam: nos modos de satisfação que oferecem, na forma como toda uma economia libidinal se espelha nesta simbólica fictícia, ou na simples percepção de que se trata, num nível inconsciente, independente da capacidade de discriminação racional, de um imaginário organizador das formas sociais.

Tomemos o caso das imagens retocadas digitalmente que se espriam por toda a cultura midiática também dentro de uma lógica espetacular, daquilo que é dado a ver para o consumo e o entretenimento. Elas são capazes de agenciar operações desejanter conflitantes, que acabam funcionando muito bem dentro de uma lógica onírica: o mistério, a fantasia, o “faz de conta” são elementos que, tal como no sonho, borram a própria noção de realidade.

A seletividade de características fenotípicas ideais e a aparência hiper-realista de uma fisicalidade uniforme parecem estar ao ‘alcance de um clique’ nas retratações do corpo humano quando retocado digitalmente. *Softwares* como o *Photoshop* podem criar formas simétricas através de um exercício habitual de composição de padrões, texturas e de eliminação de traços indesejados, desvelando uma dimensão subjetiva que se exerce para além das “coações ético-sociais”, como as descreve Žižek.

Assim, evidenciando uma lógica interpretativa, como aquela fundada pelo pensamento freudiano, no lugar de nos voltarmos para um exame da materialidade do digital ou para os meandros da arte/técnica de produção de imagens por meio de *softwares*, neste caso, deve-se insistir na análise dos modos de satisfação agenciados por essas imagens, ou seja, nos apegando menos a uma distinção do tipo real/falso, e mais “dando ouvidos” às ilusões que asseguram uma determinada manutenção satisfatória de uma noção de “eu” no sujeito, mesmo que completamente desfalcada de um senso de realidade racional.

É o sonho da fisicalidade ideal, inalcançável, que encontramos na nossa complicada fruição com estes corpos retocados das capas de revista e imagens publicitárias. Eles nos afetam por que tocam no núcleo fantasioso da



Figura 1. Campanha da Calvin Klein *underwear bold*.

Figure 2. Calvin Klein campaign *underwear bold*.

Fonte: Klein (2012).

nossa relação com a realidade de vigília. Assim, mesmo quando não acreditamos na textura da pele ou na simetria dos corpos como nos são apresentados, não conseguimos permanecer imunes a eles. Eles se comunicam conosco pelo viés do afeto, também como acontece no sonho.

Concordamos que a celebração no corpo, com uma precisão digital, dos ideais da modernidade, beleza, ordem e limpeza, para retomarmos especificamente os substantivos civilizacionais descritos por Freud (2002) em sua elaboração cultural da hipótese repressiva – evidencia não apenas uma certa dimensão autoritária da experiência estética midiaticizada, mas o desejo sempre-já presente de sucumbir a ela. O retoque digital corporal permite que essa utopia se materialize diante dos olhos por meio de uma elaboração hiperfetichizada do corpo.

O disruptivo, o grotesco e o transgressor da feiura, bem como o abjeto ou o estranho da degenerescência tornam-se facilmente extirpados com o retoque digital, de forma que todo e qualquer um possa aderir à uniformidade idealizada da imagem com uma precisão informática acurada. Ou seja, essas imagens exibem fragmentos ‘obscenos’ em seus conteúdo manifesto referentes a um desejo vitalista, excludente e eugênico que viemos desenvolvendo ao longo da modernidade.

A idealização da pureza e simetria do corpo retocado digitalmente é perfeitamente visível em publicidades como a da Calvin Klein, para roupas íntimas masculinas (Klein, 2012). Nessa campanha, veiculada por meio de

fotografias em *outdoors* e vídeos na internet, o corpo é discursivizado através de conotações plásticas que destacam a força, a rigidez e a definição muscular de modelos que usam a peça da marca. Essa exposição do corpo durante a prática e o intervalo de atividades que demandam um grande esforço físico, como o exercício em barras, detém uma qualidade digital que não apenas exagera a hipertrofia da forma muscular masculina como exibe uma textura da pele que elimina do corpo aquela organicidade viscosa e analógica do “mundo real”.

Aqui chegamos ao corpo como uma apoteose da “imagem aparente e falsificada do recalcado”, para alcançarmos a crítica deleuziana (Deleuze, 2006, p. 120) sobre o corpo como uma prisão edípica do desejo. Ele é inalcançável em sua força e hipermasculinidade, no enquadramento que segue de baixo para cima do quadro, na iluminação específica sobre a definição muscular e os genitais. É, portanto, um corpo-imagem que formata o desejo segundo a sua própria inacessibilidade, e que encobre com um formalismo espetacular um sonho recalcado: a beleza do poder do homem, a celebração do falo, do corpo-máquina, do não feminino e, em último grau, o narcisismo constrangedor à sociedade pluralista e multicultural que tentamos alcançar em estado de vigília.

O desejo pelo poder, nessas imagens de Steven Klein, é também um desejo de submissão; uma admiração que circula entre o bem e o mal-estar, entre o amor e a inveja, e principalmente, entre a necessidade de conforto

e o medo da degenerescência. É o totalitarismo seduzindo segundo um esquema de proteção e sucesso, mas também de opressão e tirania. George Didi-Huberman (2008, p. 53) vai dizer que “onde há um culto generalizado pela imagem, há também um aniquilamento da capacidade dos olhos abrirem”. Subentenda-se, na sociedade espetacular em que as imagens são cultuadas como forma primordial de comunicação, o modo de desejar do sonho como observado por Freud em seu texto de 1900 se mostra atual. Nós nos incapacitamos de pensar ou imaginar o irrealismo do que é exposto; a desconexão de sentido que comporta, submetendo a experiência visual a uma imagem fantástica/fantasmática de satisfação.

Considerações finais

Há muito a se explorar e sistematizar no que toca à pertinência da abordagem interpretativa freudiana para a compreensão das narrativas midiáticas espetaculares, especialmente quanto à atualização da linguagem metapsicológica para fora da clínica. Constatamos o risco de aderência ao campo transferencial da instituição ‘Psicanálise’, e que, sem uma ‘tradução’ adequada dos termos e a coerente justificativa de seu uso, o pesquisador pode ceder de sua autonomia dentro de uma espiral tautológica endógena.

Em ‘A interpretação dos sonhos’, somos apresentados aos experimentos de uma técnica que oferece uma solução elegante àquele que lida com o material altamente emocional e ambíguo do dia a dia da nossa cultura. A regra fundamental da análise, a chamada associação livre, caracterizada por um tipo de fruição erótica entre os mais diversos e desconexos elementos (incluindo aqueles pertencentes à micronarrativa onírica) é o instrumento de interrogação diante do factível flutuante da linguagem inconsciente. A fim de entender que desejo mobiliza o sonho, no lugar de tomar o enunciado que o narra como um objeto passível de ser investigado do alto ou de fora, deve-se adentrar o fantástico e deslizar entre os seus elementos. Todo o conteúdo que afete deverá ser tomado como um dado a favor da produção de sentido e, por implicação, de conhecimento.

Muitas são as “contra-ficções” que o intérprete deve trazer à tona durante o ato de ressignificação de narrativas

que contém tanto o fantástico quanto o banal em igual importância. Uma realidade escapista, organizadora de nossos desejos, exatamente como numa infinidade de produtos da mídia oferecida aos olhos e ouvidos todos os dias. Tateando por entre os resíduos do conteúdo manifesto, é a partir de uma dignificação das imagens e ditos que nos afetam, que se terá condições de entender como e em que sentido o desejo atuou para o enunciado se atualizar na obscuridade daquilo que não pode ser vivido de forma direta.

O erotismo presente no próprio ato de conhecer, aquele que evolui da curiosidade sexual infantil – e, nesse caso, a psicanálise oferece uma série de categorias que podem fruir como ferramentas metodológicas (tal qual o fetiche ou a perversão)⁸ – poderá ser um guia intuitivo no processo de instrumentalização e descarte das fantasias midiáticas, bem como da compreensão dos modos de satisfação ou do desprazer que agenciam. A associação livre, o ‘ouro’ da psicanálise, como ela considera, embora inoxidável, revela-se então capaz de se dissolver e moldar-se ao universo das questões profundas da comunicação.

Referências

- BEIVIDAS, W. 2009. *Inconsciente & Sentido: psicanálise, linguística, semiótica*. São Paulo, Annablume Editora, 194 p.
- DEBORD, G. 1997. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 240 p.
- DIDI-HUBERMAN, G. 2008. *Images in spite of all: four photographs from Auschwitz*. London, The University of Chicago Press, 232 p.
- DELEUZE, G. 2006. *Diferença e repetição*. 2ª ed., São Paulo, Graal, 440 p.
- FREUD, S. 1972. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 614 p.
- FREUD, S. 1987a. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 614 p.
- FREUD, S. 1987b. *Sobre os sonhos*. Rio de Janeiro, Imago, 496 p.
- FREUD, S. 2010. *Além do princípio do prazer*. São Paulo, Companhia das Letras, vol. 14 (Obras Completas), 432 p.
- FREUD, S. 2002. *O mal estar na civilização*. Rio de Janeiro, Imago, 112 p.

⁸ Ver, respectivamente, Safatle (2010) e Žižek, (2008), quando sugerem a ‘perversão’ como uma categoria instrumental interpretativa pertinente às formas de vida na chamada pós-modernidade.

- KEHL, M.R. 2002. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo, Companhia das Letras, 203 p.
- KLEIN, S. 2012. *Underwear bold Campaign*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pgXdYzOjAGM>. Acesso em: 25/03/2015.
- LAPLANTINE, F. 2007. *Leçons de cinéma pour notre époque*. Paris, Téraédre, 192 p.
- QUINET, A. 2004. *Um olhar a mais*. São Paulo, Jorge Zahar Editor, 312 p.
- SAFATLE, V. 2010. *Fetichismo, colonizar o outro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 151 p.
- TAYLOR, P.A. 2010. *Zizek and the media*. Cambridge, Polity Press, 210 p.
- ŽIŽEK, S. 2006. Freud lives!. *London Review of Books*, **28**(10):32. Disponível em: <http://www.lrb.co.uk/v28/n10/slavoj-zizek/freud-lives>. Acesso em: 10/02/2014.
- ŽIŽEK, S. 2008. *A visão em Paralaxe*. São Paulo, Boitempo, 507 p.
- ŽIŽEK, S. 2009. *First as Tragedy, Then as Farce*. London, Verso, 158 p.

Submetido: 16/05/2014

Aceito: 01/12/2014